

Chissano e Botha "assinam" fim da Renamo

Portugal auscultado por Moçambique antes da cimeira de Cahora Bassa

O Jornal
16/9/88

Ferdinando Mendes
Maputo

Prendas e brindes trocados no final do encontro, que, na última segunda-feira colocou frente-a-frente os presidentes Joaquim Chissano e Pieter Botha, durante cerca de duas horas e meia, a sós ou acompanhados pelas respectivas delegações, podem representar o reinício de um diálogo construtivo entre Moçambique e a África do Sul e um ensaio para passos mais seguros da cooperação bilateral.

O fim da actuação da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana), tal como tem sido concebida até à presente data por Pretória, terá sido um dos pontos quentes das discussões entre os dois presidentes, que no entanto, se escusaram a divulgar pormenores sobre as conversações.

Cahora Bassa, a segurança das linhas de transporte de energia e o restabelecimento do fornecimento de electricidade à África do Sul, foram questões igualmente debatidas por ambas as delegações. A opinião de

Portugal, como parte interessada neste assunto, terá sido previamente auscultada, ao menos pela parte moçambicana.

Comissões bilaterais trabalharão em conjunto para a solução de problemas existentes entre os dois países, decidiram os dois estadistas.

Em conferência de Imprensa, na cidade de Songo, após o encontro de alto nível, o presidente Joaquim Chissano disse que a África do Sul lhe havia dado «garantia de que não vai apoiar a Renamo».

Por sua vez, Pieter Botha, na mesma ocasião, referiu que acreditava na sinceridade de Joaquim Chissano quanto ao cumprimento da lei da amnistia e das garantias para todos os que se entregarem às autoridades, salientando, a seguir: «Mas eles devem renunciar à violência. Eu acredito no que o presidente Chissano me disse.»

O presidente moçambicano referiu, ainda, que os países da região tentaram sempre «trabalhar para o desenvolvimento com a África do Sul» mas que circunstâncias históricas não tinham permitido atingir esse objectivo.



Botha e Chissano
Reinício do diálogo

A sombra de Machel

Após o fracasso do acordo de Nkomati, assinado a 16 de Março de 1984, entre o falecido presidente Samora Machel e Pieter Botha, assistiu-se ao recrudescimento de uma guerra

sangrenta e cruel, agravando as dificuldades económicas no país.

Aproveitando da melhor maneira as circunstâncias internacionais favoráveis a um desanuviamento global, Joaquim Chissano e a diplomacia moçambicana procuraram iso-

lar a Renamo e a própria África do Sul, tendo alcançado importantes sucessos em instâncias internacionais e regionais.

Entretanto, os cenários na região mudaram de forma significativa, conduzindo a uma reflexão mais realista acerca das vias e dos prazos prováveis

para o fim do «apartheid».

Privilegiando o diálogo político de alto nível, com Pretória, a diplomacia de Maputo acabaria por contribuir para colocar em cheque o papel que desempenham os militares sul-africanos no conturbado cenário do regime sul-africano. Observadores bem colocados da África do Sul garantem-nos, com frequência, que apenas uma minoria acredita na possibilidade de encontrar vias de transição pacífica para o fim do «apartheid», mesmo levando em consideração a timidez e o egoísmo com que uma parte do país «branco» se manifesta eleitoralmente.

É neste contexto que os presentes e os brindes trocados entre Joaquim Chissano e Pieter Botha devem ser entendidos, sendo visível o esforço dos responsáveis moçambicanos para não avivar o contencioso surgido com a morte do presidente Samora Machel. Na conferência de Imprensa, Pieter Botha afirmou aos jornalistas que as discussões com Chissano «começaram de novo onde não tinha sido possível avançar mais, depois da morte trágica do presidente Machel».